

Perfil de automedicação por acadêmicos de uma Instituição de Ensino Superior na pandemia da Covid-19

Profile of self-medication among academics at a Higher Education Institution in the Covid-19 pandemic

Aldalene Rocha Pereira¹, Adriane Siqueira da Silva², Erika Marcília Silva Xavier³, Paulo Sérgio Ferreira de Lima⁴, Edilene Gadelha de Oliveira⁵

1. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1025-1175>. Farmacêutica. Graduação. Universidade da Amazônia, Santarém, Pará, Brasil). E-mail: aldalenerochap@gmail.com

2. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4269-8403>. Farmacêutica. Graduação. Universidade da Amazônia, Santarém, Pará, Brasil. Email: adrianesilvafarma@gmail.com

3. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8624-5372>. Farmacêutica. Graduação. Universidade da Amazônia, Santarém, Pará, Brasil. Email: erikamacilia503@gmail.com

4. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1216-0162>. Farmacêutico. Mestre em Biociências. Universidade da Amazônia, Santarém, Pará, Brasil. Email: sergiop-stm@hotmail.com

5. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7568-8717>. Farmacêutica. Doutora em Ciências Farmacêuticas. Universidade da Amazônia, Santarém, Pará, Brasil. E-mail: edilenegadelha.farmacia@gmail.com

CONTATO: Edilene Gadelha de Oliveira | Endereço: Av Aguanambi, 251, José Bonifácio, Fortaleza, Ceará, 60055-400 | Telefone: (85) 99728-1103 | E-mail: edilenegadelha.farmacia@gmail.com

RESUMO

A automedicação é um problema recorrente de saúde pública devido ao uso indiscriminado de medicamentos. Este estudo analisou o perfil de automedicação por acadêmicos de uma Instituição de Ensino Superior na pandemia da Covid-19 com base em um questionário aplicado on-line. A maioria dos participantes era do gênero feminino, cursando Farmácia, no 10°

semestre e já atuando como profissional de saúde. Destes, 36,9% foram diagnosticados com a doença pelo médico a partir de exames laboratoriais, e os principais sintomas relatados foram dor de cabeça (16%) e febre (13,7%). Os medicamentos mais utilizados, prescritos ou não por médicos, foram analgésicos e antitérmicos. A indicação de medicamentos foi realizada por outros profissionais de saúde, como o farmacêutico. Conclui-se que a automedicação se agravou durante a pandemia devido à procura por medicação para atenuar os sintomas da Covid-19 ou a falta de fármacos eficazes para o tratamento do novo coronavírus.

DESCRITORES: Automedicação. COVID-19. Medicamentos sem prescrição.

ABSTRACT

Self-medication is a recurring public health problem due to the indiscriminate use of drugs. This study analyzed the profile of self-medication among academics from a Higher Education Institution during the Covid-19 pandemic, using an online questionnaire. Most participants were women, studying Pharmacy, in the 10th semester, and already working as a health professional. A total of 36.9% was diagnosed with the disease by the doctor, based on laboratory tests, and the main symptoms reported were headache (16%) and fever (13.7%). The most used drugs, prescribed or not by doctors, were analgesics and antipyretics. The indication of medications was made by other health professionals, such as the pharmacist. It is concluded that self-medication has worsened during the pandemic due to the search for medication to alleviate the symptoms of Covid-19 or the lack of effective drugs for the treatment of the new coronavirus.

DESCRIPTORS: Self-medication. COVID-19. Non-prescription drugs.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.

INTRODUÇÃO

A automedicação é a prática de ingerir substâncias com ação medicamentosa sem recomendação e acompanhamento médico ou de qualquer outro profissional de saúde qualificado para esta ação¹.

Essa prática é bastante comum, e o uso de medicamentos por conta própria pelos brasileiros tornou-se um grande problema na atualidade. Diante de um cenário preocupante na pandemia da Covid-19, houve um aumento da demanda em busca de medicamentos objetivando a prevenção ou o combate à doença, o que ocasionou sérios riscos à saúde².

A pandemia da Covid-19 impôs grandes desafios globais, principalmente no quesito medicação, e muitas pessoas foram em busca de medicamentos que pudessem fortalecer o sistema imunológico, e que proporcionassem eficácia contra o vírus SARS-CoV-2. Nesse âmbito, o reposicionamento de fármacos não apresentou evidências científicas satisfatórias contra o novo coronavírus³.

As pessoas possuem o hábito de usar medicamentos sem prescrição médica. No entanto, tal cultura acarreta sérios riscos à saúde. Por exemplo, durante o inverno, os casos de gripe e resfriados tendem a crescer, o que aumenta a ingestão de medicamentos sem orientação profissional⁴. É comum que as pessoas acumulem medicamentos em suas residências, levando a um grande arsenal terapêutico. Isso é um fator de risco para a saúde, haja vista que favorece a prática da automedicação, possibilitando a troca errônea de medicamentos e aumentando o risco de intoxicação por ingestão acidental⁵.

Por sua vez, neste período de isolamento social, foram adotadas medidas para minimizar os riscos de transmissão do novo coronavírus, como o acesso limitado às farmácias. As pessoas não saíam às ruas e, conseqüentemente, tornavam-se mais propensas a se automedicarem em suas residências⁶.

Em meio a um cenário de calamidade pública decorrente da pandemia da Covid-19, o tema escolhido justifica-se pelos riscos à saúde envolvidos na prática da automedicação. Este estudo teve como objetivo identificar o perfil de automedicação por acadêmicos de uma Instituição de Ensino Superior durante a pandemia da Covid-19.

MÉTODO

Trata-se de um estudo observacional, descritivo, de caráter quali e quantitativo. Com o intuito de avaliar a automedicação por acadêmicos durante a pandemia da Covid-19, os métodos e procedimentos adotados seguiram os pressupostos das Resoluções do CNS nº 466/2012 e nº 510/2016, Norma Operacional nº 001/2013 e Ofício Circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS de 24/02/2021 para pesquisas realizadas em ambientes virtuais⁶. Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto Campinense de Ensino Superior LTDA-ICES UNAMA, sob parecer nº 4934084.

Em virtude das dificuldades operacionais decorrentes de todas as medidas impostas pela pandemia do SARS-CoV-2, o uso de questionários *on-line* tornou-se uma ferramenta bastante útil para coleta de dados de participantes de pesquisas científicas⁶. Além disso, devido ao acesso crescente à internet em todo o mundo, as pesquisas em ambientes virtuais mostram-se como uma tendência nos últimos anos, com a adesão de pessoas de faixas etárias variadas. Dessa maneira, esse recurso facilita a disseminação de informações, possibilitando a melhoria e a agilidade do processo de pesquisa, bem como o contato entre pesquisador e participante do estudo⁷.

Na presente pesquisa, foi aplicado um questionário *on-line* intitulado “Perfil de automedicação contra a Covid-19 por acadêmicos” (Apêndice 1), contendo 10 perguntas, sendo 08 objetivas e 02 subjetivas, por meio de um link do *Google Forms* <https://forms.gle/SxuVJ2EfwinBaFKd9>, enviado a partir do aplicativo de mensagens *Whatsapp* aos estudantes, no período de 28 setembro a 20 de outubro de 2021.

Os critérios de inclusão deste estudo foram pessoas do sexo masculino e/ou feminino, com idade entre 18 e 50 anos, e que fossem estudantes da Instituição de Ensino Superior escolhida no estudo. Já os critérios de exclusão foram pessoas menores de 18 anos, não matriculadas na Instituição e que não fizeram uso de medicamentos durante a pandemia. Os dados obtidos foram tabulados em planilha no Microsoft Excel 2010, e apresentados na forma de gráficos para uma melhor análise dos resultados.

RESULTADOS

Na presente pesquisa, foram obtidas 46 respostas após aplicação do questionário aos acadêmicos de uma Instituição de Ensino Superior. Em relação à classificação das faixas etárias dos participantes da pesquisa, 34,8% informaram ter idade entre 18 e 25 anos, 24,5% entre 32 e 35 anos, 28,7% entre 36 a 44 anos e 12% com idade de 45 a 50 anos.

Do total dos participantes, 80,4% eram do sexo feminino e 19,6% do sexo masculino. Observou-se que 80,5% deles cursavam Farmácia, 10,8% responderam que cursavam Enfermagem, 6,5% Fisioterapia e 2,2% Medicina Veterinária. Conforme observado nesta pesquisa, 71,7% dos entrevistados cursavam o 10º semestre, 2,2% o 9º semestre, 8,7% o 8º semestre, 2,3% o 7º semestre, 4,3% o 6º semestre, 6,5% o 4º semestre e 4,3% dos participantes cursavam o 2º semestre.

Em relação à profissão, 34,7% dos entrevistados já atuavam como profissional de saúde, 28,3% informaram que trabalhavam, mas não eram profissionais da saúde e 37% dos entrevistados informaram que, no momento, não estavam trabalhando.

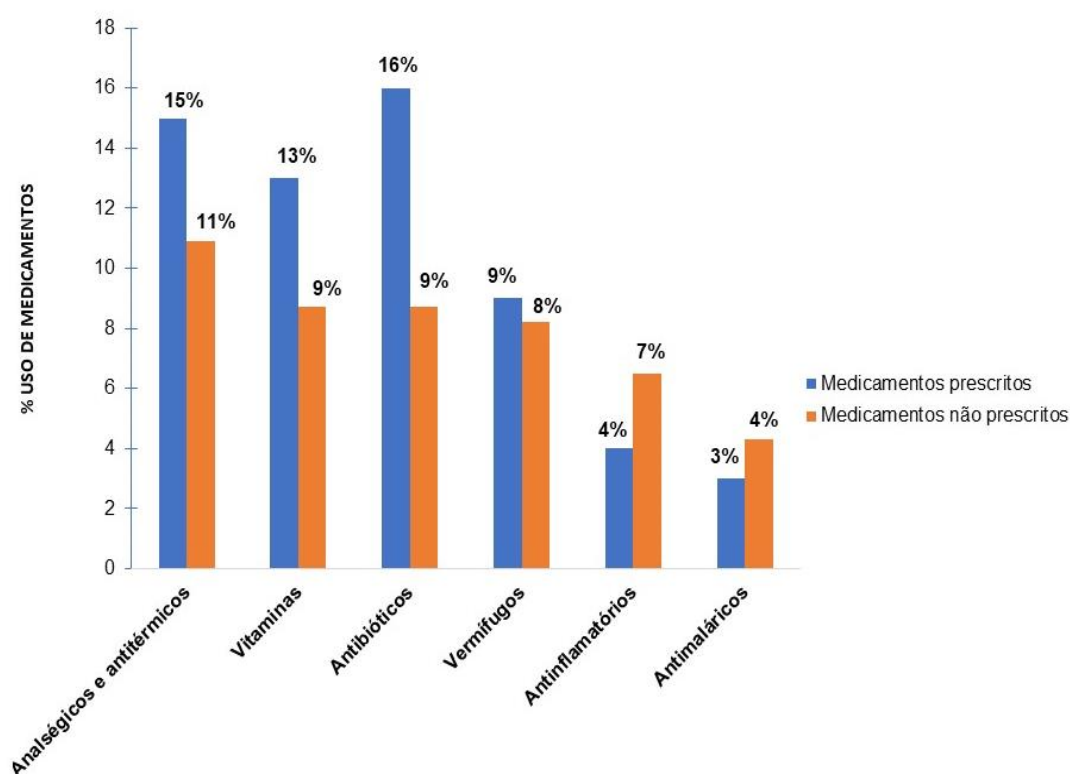
Em relação ao perfil de participantes diagnosticados com Covid-19, 4,3% dos entrevistados relataram que foram diagnosticados pelo médico somente a partir dos sintomas apresentados, 19,6% dos acadêmicos acreditavam que tiveram a Covid-19 por apresentarem sintomas semelhantes aos da doença, 32,6% informaram que foram diagnosticados pelo médico a partir dos exames laboratoriais e 43,5% responderam que não tiveram a Covid-19.

A pesquisa constatou que os principais sintomas que levaram os acadêmicos ao uso de medicamentos foram: dor de cabeça (16%), febre (13,7%), resfriados e gripe (13%), perda de paladar (11,5%), dores musculares (11,5%), perda de olfato (9,9%), vômitos e diarreias (6,1%), dores no estômago e má digestão (3,8%), sendo que 14,5% não apresentaram sintomas da Covid-19.

Em relação aos medicamentos prescritos pelo médico (Figura 1), 3% dos participantes responderam que utilizaram analgésicos/antitérmicos (15%), vitaminas (13%), antibióticos (16%), vermífugos (9%), anti-inflamatórios (4%), antimaláricos (3%), chás medicinais (4%), antigripais (4%), antialérgicos (5%), antiácidos e digestórios (4%). Dezoito por cento não fizeram uso de medicamentos contra a Covid-19 e 5% responderam que utilizaram medicamentos contra a Covid-19 sem prescrição médica.

Em relação aos medicamentos não prescritos pelo médico (Figura 1), 41,8% dos acadêmicos utilizaram pelo menos um medicamento para diminuir os sintomas da Covid-19. Os participantes fizeram uso de analgésicos e antitérmicos (11%), vitaminas (9%), antibióticos (9%), vermífugos (8%), anti-inflamatórios (7%), antimaláricos (4%), chás medicinais (4%), antigripais (2%), antialérgicos (2%), antiácidos e digestórios (2%). Trinta e cinco por cento responderam que não utilizaram medicamentos contra a Covid-19 e 7% informaram que fizeram uso de medicamentos para a Covid-19 com prescrição médica.

Figura 1. Perfil do uso de medicamentos prescritos e não prescritos pelo médico



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Em relação aos meios utilizados para indicação de medicamentos não prescritos pelo médico, a maior porcentagem foi aquela proveniente de outros profissionais de saúde, como o farmacêutico, enfermeiro ou biomédico (39,1%) ou mesmo outros profissionais da Farmácia (28,3%). Além disso, 15,2% responderam que tiveram orientações de amigos e familiares, 13% a partir de veículos de comunicação, 2,2% de serviços de tele saúde e 2,2% de laboratórios de análises clínicas (2,2%).

DISCUSSÃO

A automedicação tornou-se um problema ainda maior de saúde pública durante a pandemia da Covid-19 devido à busca por medicamentos para combater ou prevenir a doença². Diante disso, foi aplicado um questionário *on-line* com acadêmicos da área da saúde a fim de avaliar o perfil de automedicação dos participantes durante a pandemia.

Os resultados da pesquisa indicaram que a maioria dos participantes tinha entre 18 e 25 anos de idade, era do sexo feminino, estava matriculada no curso de Farmácia e cursava o 10º semestre. Este perfil é justificado pois as mulheres buscam mais os consultórios médicos que os homens devido ao autocuidado do público feminino⁸.

Em relação ao perfil socioeconômico, 34,7% dos entrevistados já atuavam como profissionais de saúde. É frequente o elevado número de profissionais de saúde, em alguns casos ainda estudantes, utilizando seus conhecimentos adquiridos para realizar a automedicação⁹.

Evidencia-se que os profissionais da área da saúde têm um papel importante na informação e prevenção quanto à utilização correta dos medicamentos, com a responsabilidade de orientar a população a respeito dos possíveis riscos da terapia medicamentosa. Esses profissionais devem possuir conhecimento sobre os medicamentos e seus efeitos adversos, informando a população quanto aos riscos da prática da automedicação¹⁰.

Em relação ao diagnóstico da Covid-19, 32,6% dos participantes foram diagnosticados com Covid-19 a partir de exames laboratoriais. Esse diagnóstico laboratorial é realizado por meio do RT-PCR, da pesquisa de antígeno em *swab* nasofaríngeo e pesquisa de anticorpos de forma qualitativa e quantitativa⁶.

A presente pesquisa demonstrou que os acadêmicos utilizaram pelo menos um medicamento sem prescrição médica para diminuir os sintomas da Covid-19. Ao apresentar um conjunto de sinais e sintomas, as pessoas recorrem aos medicamentos isentos de prescrição médica, ou sem orientação profissional, pela facilidade do acesso à medicação em balcões de farmácia¹¹.

Dos participantes que utilizaram medicações devido aos sintomas apresentados pelo novo coronavírus, provavelmente o fizeram na tentativa de prevenir ou tratar a infecção. No entanto, o uso inadequado de medicação, sem a prescrição

de profissionais habilitados, pode causar complicações da doença, intoxicação, surgimento de reações adversas e resistência a medicamentos¹².

Dentre os medicamentos mais utilizados pelos participantes com ou sem prescrição médica, destacaram-se os analgésicos/antitérmicos, seguidos por vitaminas C, D e o zinco, antibióticos, vermífugos, anti-inflamatórios e antimaláricos. Os analgésicos são os medicamentos mais utilizados em casos de automedicação e é perceptível que, em qualquer episódio de dor, as pessoas recorrem a eles. Como há acesso direto nas gôndolas das farmácias, por serem Medicamentos Isentos de Prescrição (MIP)¹³, é necessário cautela.

A prevalência global de automedicação aumentou de 36,2% antes da pandemia para 60,4% durante a pandemia, o que pode ser justificado pela procura por medicação isenta de prescrição médica¹⁴. A prática da automedicação é frequente e recorrente, tanto no meio acadêmico, quanto na população em geral, principalmente em um cenário de pandemia. O ensino passou a ser remoto e o trabalho em *home-office*, resultando em riscos à saúde provenientes do uso frequente de computador e/ou celular, como dores musculares, cefaleia, dentre outros, favorecendo o uso de analgésicos⁹.

Um dado interessante é que o perfil de uso de vermífugos (ivermectina) e antimaláricos (cloroquina e hidroxicloroquina) foi semelhante, independentemente de prescrição médica. Isso pode ter ocorrido devido à entrega desses medicamentos pelas Unidades Básicas de Saúde durante a pandemia e às informações veiculadas em mídias sociais sobre possíveis benefícios dessas medicações¹⁵. A cloroquina tornou-se um assunto bastante debatido na época, por sua recomendação não estabelecida para o tratamento do SARS CoV-2, considerando que ainda não havia estudos científicos que comprovassem a eficácia desse fármaco contra a Covid-19 e definissem os efeitos tóxicos que poderiam ocorrer caso a cloroquina e hidroxicloroquina fossem utilizadas de forma incorreta¹⁶.

A hidroxicloroquina apresenta prejuízos significativos relativos ao risco de internações e alta taxa de mortalidade pelo possível aumento de arritmias cardíacas que ocasionam paradas cardíacas e óbito¹⁷. O uso de medicamentos sem prescrição médica gera complicações e efeitos colaterais no organismo, interferindo em diagnósticos médicos e até nos exames para detectar precocemente os sintomas de infecções¹⁸. O anúncio de medicações feito pelos veículos de comunicações e

informações que circulavam sobre a forma de tratamento e prevenção à Covid-19¹⁹ causaram uma corrida às farmácias e bastante movimentação.

Por outro lado, o principal meio de informação utilizado pelos participantes da pesquisa para indicação de medicamentos sem prescrição médica foi o farmacêutico, profissional qualificado para conhecer os aspectos do medicamento, e repassar orientações aos pacientes, como posologia, o período de tratamento e eficácia terapêutica²⁰.

A rápida disseminação da doença ocasionada pelo SARS-Cov-2 gerou grandes consequências para sociedade, tanto no setor econômico quanto na saúde pública. Para diminuir a transmissão do novo coronavírus, foi incentivado o distanciamento social, o que contribuiu para a busca incessante por medicamentos nas farmácias. Além disso, houve falta de medicamentos eficazes contra a Covid-19 e informações distorcidas sobre o tratamento desta doença¹⁹.

CONCLUSÃO

A automedicação é um ato recorrente da sociedade e, portanto, os profissionais e acadêmicos devem se conscientizar dos riscos à saúde dessa prática. Nesse período de pandemia da Covid-19, a procura por medicação, a fim de fortalecer o sistema imunológico e/ou minimizar alguns sintomas da doença, bem como a falta de medicamentos eficazes para o tratamento da infecção pelo SARS-CoV-2, impulsionaram o aumento da automedicação. Portanto, os resultados desse estudo contribuíram com informações sobre a automedicação durante a pandemia do novo coronavírus, auxiliando os profissionais de saúde no combate a essa prática e no manejo correto dessa doença.

REFERÊNCIAS

1. Abrahao RC, Godoy JA, Halpern R. Automedicação e comportamento entre adolescentes em uma cidade do Rio Grande do Sul. *Aletheia*. 2013 Ago; 41: 134-53. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942013000200011
2. Matos, RC de. Fake News frente a pandemia de COVID-19. *Vigil Sanit Debate*. 2020; 8(3):78-85, 2020 Ago; Disponível em: <https://visaemdebate.incqs.fiocruz.br/index.php/visaemdebate/article/view/1595>

3. Ferreira LLG, Andricopulo AD. Medicamentos e tratamentos para a Covid-19. *Estud. av.* 2020 Dez; 34(100):7-27. doi: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.002>
4. Conselho Regional de Farmácia do Estado de Minas Gerais (CRFMG). O perigo por trás da automedicação com antigripais [internet]. São Paulo, 2016 [citado em 2023 Jan 12]. Disponível em: <https://www. hojeemdia.com.br/horizontes/o-perigo-por-tr%C3%A1s-da2016%20automedica%C3%A7%C3%A3o-com-antigripais-1.402004>
5. Zamuner, A. Prefeitura do Município de Tietê Secretaria Municipal de Saúde Vigilância Sanitária e Epidemiológica. Cuidado com os medicamentos [internet]. 2016; [citado em 2023 Jan 10]. Disponível em: <https://www.tiete.sp.gov.br/secretaria.php?idSec=13>
6. Ministério da Saúde (Brasil). Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz. Orientações sobre ética em pesquisa em ambientes virtuais [internet]. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca ENSP/Fiocruz, 2020.12 p. [citado em 2023 Jan 10] Disponível em: https://cep.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/orientacoes_eticapesquisaambientevirtual.pdf.
7. Faleiros F, Káppler C, Pontes FAR, Silva SSC, Goes FSN, Cucik CD. Uso de questionário online e divulgação virtual como estratégia de coleta de dados em estudos científicos. *Texto Contexto – Enferm.* 2016; 25(4): e3880014:1-6. doi: <https://doi.org/10.1590/0104-07072016003880014>
8. Loyola Filho AI de, Uchoa E, Guerra HL, Firmo JOA, Lima-Costa MF. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. *Rev Saúde Pública*, 2002; 36(1):55-62. doi: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102002000100009>
9. Filler LN, Abreu EB de, Silva CB da, Silva DF da, Montiel JM. Caracterização de uma amostra de jovens e adultos em relação à prática de automedicação. *Psicol. Saúde Debate.* 2020; 6(2): 415-29. doi: <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V6N2A27>
10. Chehuen Neto JA, Sirimarco MT, Choi CMK, Barreto AU, Souza JB. Automedicação entre Estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. *HU Rev* [internet]. 2007 [citado 2023 Jan 12]; 32 (3): 59-64. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/hurevista/article/view/18>
11. Aquino DS, Barros JAC, Silva MDP. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. *Ciênc Saúde Colet.* Rio de Janeiro, 2010; 15(5): 2533-38. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/kB6LHkhwPXqbz7QtmHJHQvz/abstract/?lang=pt>
12. Souza MNC et al. Ocorrência de Automedicação na população brasileira como estratégia preventiva para SARS-CoV-2. *Res Society Devel.* 10(1): e44510111933, 1-9. doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11933>
13. Arrais, PSD et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. *Rev Saúde Pública.* 2016; 50(sup. 2): 1-11S. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1518-8787.2016050006117>

14. Onchonga D, Omwoyo J, Nyamamba D. Assessing the prevalence of self-medication among healthcare workers before and during the SARS-CoV-2 (COVID-19) pandemic in Kenya. *Saudi Pharm J*. 2019; 28(10): 1149-54. doi: <https://doi.org/10.1016/j.jsps.2020.08.003>
15. Pan American Health Organization (PAHO). Ongoing living update of COVID-19 therapeutic options: Summary of evidence [internet]. [citado em 2023 Jan 11] Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52719>.
16. Menezes CR, *Sanchez C, Chequer, FMD*. Efetividade e toxicidade da cloroquina e da hidroxicloroquina associada (ou não) à azitromicina para tratamento da COVID-19. O que sabemos até o momento? *Rev Saúde Ciênc Biol*. 2020; 8(1): 1-9. doi: <http://dx.doi.org/10.12662/2317-3076jhbs.v8i1.3206.p1-9.2020>
17. Barros CM et al. COVID-19 Pandemic - A Narrative Review of the Potential Roles of Chloroquine and Hydroxychloroquine. *Pain Physician* 2020; 23(4S): S351-66. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32942793/>
18. Lessa M de A, Bochner R. Análise das internações hospitalares de crianças menores de um ano relacionadas a intoxicação e efeitos adversos de medicamentos no Brasil. *Rev Bras Epidemiol*. 2008; 11(4): 660–74. doi: <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2008000400013>
19. Guimarães AS, Carvalho WRG. Desinformação, negacionismo e automedicação: a relação da população com as drogas “milagrosas” em meio à pandemia da COVID-19. 2020; *InterAm J Med Health*. 3(10):1- 4. doi: <https://doi.org/10.31005/iajmh.v3i0.147>
20. Tomasini AA, Ferraes AMB, Santos JS dos. Prevalência e fatores da automedicação entre estudantes universitários no Norte do Paraná. *Biosaúde*. Londrina 2015; 17(1): 1-12. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Preval%C3%AAncia-e-fatores-da-automedica%C3%A7%C3%A3o-entre-no-do-Tomasini-Ferraes/646f6df98c0c568f0906f2f4428bc8f844585218>

RECEBIDO: 13/01/2023

ACEITO: 07/03/2023